



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SINTAXE DAS INTERROGATIVAS INDIRETAS ENCOBERTAS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

PAULO MEDEIROS JUNIOR*

RESUMO

Interrogativas indiretas encobertas em português brasileiro (PB) são frases interrogativas encaixadas que não apresentam (pelo menos aparentemente) a estrutura de uma construção interrogativa canônica com o frontamento do sintagma-wh (ALVARENGA, 1981a, 1981b). Em geral, considera-se que sentenças desse tipo sejam constituídas de um DP/NP seguido de uma frase relativa. Neste trabalho, entretanto, proponho que tais construções (apesar das aparências) apresentam estrutura semelhante à de qualquer interrogativa canônica, com o deslocamento de sintagma interrogativo. A proposta que aqui se constrói é que o DP/NP que inicia as sentenças encaixadas desse tipo é, na verdade, um sintagma-wh encabeçado por um operador-wh nulo e ocupa a posição de Spec, Q_{emb} (RIZZI; BOCCI, 2017); com isso, atinge-se uma análise unificada para as interrogativas encaixadas do PB. Fica em aberto, entretanto, a questão de que essa hipótese não consegue explicar por que efeitos de ilha de extração são observados nesse tipo de dado, o que pode sugerir que há de fato uma relativa na oração encaixada.

Palavras-chave: interrogativa indireta encoberta, operador-wh nulo, cartografia

ABSTRACT

Brazilian Portuguese concealed questions are embedded interrogative sentences that lack (at least apparently) the structure of a canonical interrogative sentence with wh-fronting (see Alvarenga (1981a; 1981b)). This kind of construction tends to be analyzed as containing a DP/NP followed by a relative clause. In this paper, though, I propose that these constructions (despite appearances) exhibit a structure which is similar to any other canonical embedded question. The idea addressed here is that the DP/NP initiating these sentences is in fact a wh-phrase headed by a null wh-operator occupying the specifier of a Q_{emb} projection (see Rizzi and Bocci (2017)); with this approach, one can reach a unified analysis for embedded questions in Brazilian Portuguese. This hypothesis, however, fails to explain the island effects observed in such constructions, what might be a suggestion that there is in fact a relative clause within the embedded sentence.

Keywords: concealed question, null wh-operator, cartography

* Universidade de Brasília, UnB. Professor Adjunto do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da UnB, nos níveis de graduação e pós-graduação, *e-mail*: medeirosjunior@unb.br. Quero agradecer aos revisores anônimos que, com seus preciosos comentários, contribuíram enormemente para os desenvolvimentos e as reflexões finais deste texto; assumo, é óbvio, a responsabilidade por todas as ideias que desenvolvo aqui.

1 INTRODUÇÃO

Do ponto de vista pragmático, uma pergunta é uma requisição por informação. Do ponto de vista estrutural, a caracterização do que se conhece como frase interrogativa apresenta necessariamente operações sintáticas específicas que a definem como tal.

Alvarenga (1981a; 1981b) institui um debate sobre uma possível confusão que se faça entre os termos *pergunta* e *interrogativa*. Para esse autor, o primeiro tem aporte semântico (uma pergunta é uma requisição por informação), enquanto o segundo contém noção sintática (um tipo de construção específica obtida por meio de uma operação sintática como o movimento-wh, por exemplo).¹ Não vou adentrar em profundidade nessa discussão, por entender que ela se encontra além do escopo deste artigo. Todavia, vai interessar-me aqui o contraste que pode haver entre essas duas noções quando se leva em consideração o tipo de construção sintática que aqui analisarei, a saber, as interrogativas indiretas encobertas (as *concealed questions*).

Entende-se que, em (1) e (2), a seguir, constroem-se pedidos de informação: em (1), indaga-se acerca da data da mudança de alguém; em (2), solicita-se informação sobre a identidade de determinada pessoa que a Maria encontrou no parque:

- (1) a. Quando_i vocês vão se mudar t_i?
b. Vocês vão se mudar quando?
- (2) a. Eu quero saber [quem_i a Maria encontrou t_i no parque].
b. *Eu quero saber [a Maria encontrou quem no parque].

Em (1a), constitui-se o que se denomina interrogativa raiz (ou interrogativa direta); em (2a), vemos a constituição de uma interrogativa encaixada. Se observamos com atenção, veremos que, para a constituição de ambas as sentenças, aplica-se a operação sintática conhecida como movimento-wh, que se supõe afetar a constituição sintática de frases interrogativas (CHOMSKY, 1977; CHENG, 1991). É importante notar que, no PB, o movimento de palavra-wh é obrigatório em (2), mas optativo em (1), como mostram os dados em (1b) e (2b).

Além das orações interrogativas apresentadas anteriormente, o português do Brasil apresenta ainda outros tipos de frases interrogativas, como as que encontramos em (3) e (4), a seguir:

- (3) Você vai à festa hoje?²
- (4) Eu quero saber [a pesquisa que você faz].

Em (3), temos uma interrogativa que não se constitui (pelo menos não visivelmente) com a aplicação de uma operação sintática como a que afeta (1) e (2); trata-se de uma

1 Essa discussão é originalmente instituída em Macambira (1998), no capítulo intitulado “Estrutura da Oração Interrogativa”. Remeto o leitor à avaliação detida desse capítulo para maiores detalhes.

2 É importante notar que (3) constitui uma pergunta do tipo sim/não, uma interrogativa polar, diferente das interrogativas-wh como (1) e (2). Para uma leitura sobre essas construções, remeto o leitor a Bianchi e Cruschina (2016).

interrogativa gerada por meio de recursos prosódicos, isto é, por meio de uma entonação final ascendente, mas não há, por exemplo, a presença de um constituinte interrogativo, como se vê claramente em (1) e (2). Já em (4), temos (entre colchetes) o tipo de sentença que será posto em discussão aqui: a chamada interrogativa indireta encoberta.

Neste artigo, pretendo discutir, à luz da proposta cartográfica de Rizzi (1997 e outros), a sintaxe das orações como a que aparece entre colchetes em (4), referidas na literatura como interrogativas indiretas encobertas (ALVARENGA, 1981a, 1981b; AMARAL; MEDEIROS JUNIOR, 2017;³ AMARAL; LUNGUINHO, 2017).

A questão que se coloca acerca da oração entre colchetes em (4) é a seguinte: o predicado da matriz em (4) anuncia claramente uma requisição por informação, mas como tomar a sentença encaixada por interrogativa, se não vemos aí a aplicação de uma operação sintática específica (a saber, o movimento-wh), que a identifique como tal? Ademais, o que se vê entre colchetes em (4) se parece muito mais com uma construção que contém um DP (*a pesquisa*) seguido de uma oração relativa (*que você faz*). Em face dessas questões, pergunta-se: 1) é possível manter a designação “interrogativa” para a subordinada em questão? 2) Qual a sintaxe (derivação e estrutura) desse tipo de sentença encaixada? No presente trabalho, procurarei prover respostas para essas questões, embora, ao final, um questionamento sobre tais estruturas ainda se mantenha em aberto, dadas algumas das evidências empíricas observadas nos dados.

O artigo se estrutura da seguinte maneira: na seção 2, constrói-se uma avaliação de interrogativas indiretas e suas propriedades sintáticas e discute-se a cartografia sintática. Na seção 3, colocam-se em foco especificamente as interrogativas indiretas encobertas e a proposta de análise do presente artigo. Na seção 4, tecem-se as considerações finais.

2 AVALIANDO AS INTERROGATIVAS INDIRETAS

É importante começar por avaliar a estrutura das interrogativas indiretas no português, na tentativa de se atingir uma descrição mais apropriada das construções que ponho em análise no presente artigo. Nas subseções a seguir, portanto, delinheio um pouco dessa análise.

2.1 O QUE CARACTERIZA INTERROGATIVAS/PERGUNTAS INDIRETAS

Macambira (1998) propõe que a interrogativa indireta se caracteriza por constituir sentença em que a pergunta recai sobre todo o conteúdo da oração subordinada e não apenas sobre um de seus elementos. Assim sendo, em “Não sei se o povo tem razão” (MACAMBIRA, 1998, p. 218), a pergunta aqui tem escopo sobre o verbo (ou seja, o núcleo da oração) e não sobre o *povo* ou *razão*.

3 As ideias debatidas em Amaral e Medeiros Junior (2017) foram resultado da orientação de um projeto de iniciação científica desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica na Universidade de Brasília entre 2016 e 2017. As ideias originalmente apresentadas no relatório final do projeto foram desenvolvidas pela aluna Letícia de Castro do Amaral em seu trabalho de conclusão de curso sob a orientação do professor Marcus Vinícius Lunguinho no ano de 2017 (AMARAL; LUNGUINHO, 2017).

Macambira separa interrogativas indiretas totais de parciais, propondo que há uma distinção entre a subordinada do período mencionado (interrogativa indireta total) e a que se encontra em “Descubra onde guardei o tesouro” (MACAMBIRA, 1998, p. 230), para ele, uma interrogativa indireta parcial. A argumentação é a de que, do ponto de vista semântico, a primeira permite uma resposta do tipo sim/não, o que não se observa em relação a “onde guardei o tesouro”. Esse autor já aponta a questão da distinção entre pergunta, algo de natureza eminentemente semântica, e interrogativa, algo que leva esse nome se considerarmos sua sintaxe.

Alvarenga (1981b), por sua vez, propõe que é preciso entender que interrogativas indiretas são caracterizadas, inicialmente, com base em três questões básicas:

- (i) o tipo de verbo na matriz, que seleciona a oração encaixada;
- (ii) o tipo de complemento que se une a esse verbo;
- (iii) o tipo de conectivo (claro ou subentendido) que liga esse complemento ao verbo mais alto.

(ALVARENGA, 1981b, p. 120)

A ideia presente em (i) é a de que o verbo na oração matriz precisa conter uma semântica específica, a saber, um verbo que possa selecionar uma oração que contém uma pergunta. Assim, de acordo com (i), entende-se que verbos do tipo de *perguntar*, *indagar*, ou a perífrase *querer saber* necessariamente selecionam interrogativas encaixadas:

- (5) a. Ele perguntou quantos anos ela tem.
- b. O João indagou quando eles poderiam sair.
- c. Todos querem saber o que aconteceu naquele dia.

O que se propõe com (ii) é que o tipo de complemento do verbo matriz precisa ser de um tipo específico, a saber, de natureza oracional; isto é, o complemento associado ao verbo matriz precisa necessariamente ser uma oração, e uma oração que contenha uma requisição por informação:

- (6) a. O pai perguntou ao filho [o que ele quer].
- b. Eles indagaram [quantos seriam convidados].
- c. Nós queremos saber [quem responderá por esta bagunça].

Com base em (iii), um conectivo de natureza interrogativa precisa introduzir tais construções para que elas sejam interpretadas, finalmente, como sentenças que constituem uma interrogação:

- (7) a. *O pai perguntou o filho quer.
- b. O pai perguntou [o que] o filho quer.

- (8) a. *Eles indagaram seriam convidados.
b. Eles indagaram [quantos/se] seriam convidados.
- (9) a. *Nós queremos saber ele responderá por esta bagunça.
b. Nós queremos saber [se] ele responderá por esta bagunça.

Assim sendo, segundo essa visão, Alvarenga (1981b) propõe que a caracterização de orações interrogativas indiretas se reduz a dois pontos cruciais:

1. o verbo da matriz precisa ter um objeto oracional;
2. esse objeto precisa ser introduzido por um pronome interrogativo.

Alvarenga (1981a) propõe, ainda, um teste sintático para identificar sentenças interrogativas em português, a saber, a inserção da expressão *é que* clivando o constituinte interrogativo; para o autor, uma sentença que não tenha natureza interrogativa não resiste a esse teste:⁴

- (10) a. O João sabe quem viajou ontem.
b. O João sabe quem *é/foi* que viajou ontem.
- (11) a. Eu convidei para a festa quem você indicou.
b. *Eu convidei para a festa quem *foi* que você indicou.

A seguir, analiso mais detidamente as características sintáticas na derivação de frases interrogativas encaixadas no português, como o movimento da palavra-wh, por exemplo.

2.2 MOVIMENTO-WH E A CONSTRUÇÃO DE INTERROGATIVAS ENCAIXADAS

Chomsky (1977) propõe que uma operação sintática análoga dê origem a frases interrogativas e relativas; essa operação foi chamada de movimento-wh. A ideia geral é a de que, na derivação de frases interrogativas, o constituinte-wh aparece em uma posição sintática diferente daquela em que foi gerado. Ou seja, o constituinte-wh é interpretado não na posição em que é visto na frase, mas em sua posição de base; no caso de (13) a seguir, o wh surge, na verdade, como complemento de *meet* ('encontrar'):

- (12) Who did Mary meet *t*
'quem a Maria encontrou'

(CHOMSKY, 1977, p. 84)

⁴ Mais adiante, em nota (mais especificamente, nota 13), apresento uma avaliação detalhada da questão da clivagem na construção de interrogativas.

Assim, entende-se que frases interrogativas sejam afetadas por uma operação sintática específica, a saber, o movimento de constituintes-wh. Cheng (1991) propõe que a aplicação de uma regra do tipo mova o sintagma-wh para o CP resulta na tipificação sentencial: se o sintagma-wh movido para a periferia da sentença contiver um traço [+wh], o resultado é inevitavelmente uma interrogativa.⁵

Basicamente, a ideia é que o COMP (CP) de uma sentença interrogativa é naturalmente marcado com um traço-wh; um constituinte-wh nessa sentença (que obviamente contém o mesmo traço presente no CP) vai ser automaticamente atraído para uma posição na periferia, abandonando sua posição de origem.

Quando o assunto é as interrogativas encaixadas, observe-se que, se juntarmos a questão das propriedades seletivas do verbo da matriz (ou seja, o fato de que esse verbo seleciona necessariamente uma oração com um traço mais interrogativo, isto é, um traço [+wh]) às questões concernentes ao movimento-wh, concluímos que os traços que se espera afetarem o complemento do verbo na matriz e os traços do constituinte-wh precisam, de alguma forma, combinar para caracterizar esse tipo de estrutura; ou seja, uma frase interrogativa encaixada precisa ser uma oração que contém uma operação sintática específica, a saber, o movimento-wh, porque o verbo na matriz seleciona uma oração (ou seja, um CP) com propriedades interrogativas.

O resumo de tudo é que uma condição é indispensável: só é possível chamar de frase interrogativa a oração que contém uma operação sintática que a caracteriza como tal; só se pode chamar de interrogativa a frase em que se aplica o movimento-wh.⁶ Assim, mesmo em alguns contextos em que não parece que se está construindo uma interrogativa, porque o verbo da matriz se mostra ambíguo, a aplicação do movimento sobre constituintes-wh dá uma pista. Vejamos:

- (13) a. A Maria sabe [com quem]_i o irmão saiu *t*_i.
 b. O Pedro explicou [por que]_i a família não veio *t*_i.

5 É importante lembrar que há línguas, como o japonês ou o chinês, em que o movimento-wh nunca se aplica em sintaxe aberta; são as chamadas línguas de *wh in situ*. Na verdade, Cheng (1991) separa as línguas naturais em dois grupos: as línguas de *wh in situ* e as línguas de movimento-wh. Em línguas como o inglês, por exemplo, o movimento de palavra-wh precisa se aplicar sempre; em japonês e em chinês, ele nunca se aplica.

6 Uma pergunta natural a se fazer é: mas e dados como (3), repetidos a seguir? Que explicação dar para a existência de uma interrogativa que nem ao menos apresenta um constituinte-wh?

- (i) Você vai à festa?

Se considerarmos que o movimento de um operador interrogativo é indispensável para caracterizar uma oração como interrogativa, precisamos entender que existe um movimento de operador aqui, mas um operador interrogativo nulo (não visível), que é compatível com a força do CP que encabeça a sentença interrogativa. Assim, teríamos algo como vemos a seguir:

- (ii) [_{CP} [+wh] [Op-wh-Ø]_i [_C [_{TP} você vai à festa *t*_i?]]

Watanabe (1991) propõe o movimento de operador nulo em interrogativas em línguas de *wh in situ*; a ideia aqui seria uma espécie de aplicação desse princípio. Não vou debater aqui as ideias contrárias a Watanabe (1991), mas recomendo a leitura em português de Lopes-Rossi (1996) para mais detalhes.

O português do Brasil apresenta construções interrogativas interessantes, como as que se mostram em (14a), (15a) e (16a); observe-se que, além do constituinte-wh movido, ocorre também no CP da sentença a realização do termo *que*:

- (14) a. Quem *que* você beijou?
b. *Que você beijou quem?
c. Você viu quem? / Quem você viu?

A agramaticalidade de (14b), em contraste com o que vemos (14a), é uma evidência de que, quando o termo *que* surge na sentença interrogativa, o movimento do constituinte-wh precisa aplicar-se necessariamente. Note-se que (14c) é viável (com ou sem o movimento-wh), mas (14b) é bloqueada.⁷

Observe-se, entretanto, que, em contextos de encaixamento, o movimento-wh é sempre obrigatório nas sentenças interrogativas, com ou sem a partícula *que*:

- (15) a. O Pedro perguntou [quem]_i *que* você viu *t_i*.
b. *O Pedro perguntou *que* você viu quem.
- (16) a. Eu quero saber [quando]_i *que* sai o almoço *t_i*.
b. *Eu quero saber *sai* o almoço quando.

2.3 A CARTOGRAFIA SINTÁTICA: DETALHES SOBRE A PERIFERIA DA SENTENÇA

Desde Pollock (1989) e Cinque (1999), passou-se a entender que aquilo que antes se acreditava ser apenas a materialização de traços morfossintáticos associados a categorias lexicais poderia ser definido como a materialização de núcleos sintáticos independentes; abriu-se, a partir daí, a possibilidade de implementação de estudos que mapeassem as configurações sintáticas que projeções funcionais poderiam assumir nos enunciados (RIZZI; BOCCI, 2017).

Essa tendência resultou no que hoje se conhece por estudos cartográficos da sentença, abordagem segundo a qual estruturas funcionais precisam ser entendidas como objetos sintáticos complexos, constituídos de “sequências de elementos funcionais ricamente articulados” (RIZZI; BOCCI, 2017, p. 3). Considerando que esse tipo de abordagem viabiliza um estudo comparativo e a avaliação de questões translinguísticas, a chamada cartografia sintática acaba por fornecer caminhos para a constituição de análises técnicas e um maior detalhamento da Faculdade da Linguagem Humana.

Em análise inicialmente voltada aos dados do italiano, Rizzi (1997) propôs que, dadas certas condições de configuração de tópicos ou de elementos focalizados em relação ao núcleo C⁰ (e o elemento complementador que ocupava essa posição) em algumas

⁷ Conferir discussão original dessas questões em Miotto (2001, 2003).

sentenças, a constituição estrutural da região conhecida como CP precisava ser mais “complexa” do que o que se acreditava. Por exemplo, em dados analisados por esse autor, tópicos sempre seguiam um complementador do tipo de *che* em italiano, mas precediam complementadores do tipo *di*. Vejamos:

- (17) a. Credo che, il tuo libro, loro lo apprezzerebbero molto.
 ‘Creio que, o teu livro, eles o apreciaram muito.’
 b. * Credo, il tuo libro, che loro lo apprezzerebbero molto
- (18) a. Credo, il tuo libro, di apprezzarlo molto.
 ‘Creio, o seu livro, de o apreciar muito.’⁸
 b. * Credo di, il tuo libro, apprezzarlo molto

(RIZZI, 1997, p. 288)

Esse tipo de constatação, segundo Rizzi e Bocci (2017), apontaria para um esquema como o seguinte na organização da região conhecida como CP:

- (19) che... Top... di

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 3)

Rizzi (1997), em face dessas evidências, postula que o sistema CP seja limitado à esquerda por um nóculo Force (ou Força), responsável por codificar informações como a força ilocucionária da sentença (se ela é uma relativa, uma interrogativa, uma exclamativa ou uma declarativa⁹) e um nóculo Fin, à direita, responsável por codificar informações sobre o caráter finito/não finito da sentença.

Além disso, Rizzi também observou que expressões focalizadas apareciam, em italiano, por vezes precedidas, por vezes seguidas de tópicos, o que o levou a propor que, na periferia esquerda da sentença, tópicos seriam recursivos, enquanto o foco apresentaria uma projeção apenas. Isso conduziu o autor a propor a seguinte configuração para a periferia:

- (20) [Force [Top* [Foc [Top* [Fin [IP]]]]]]

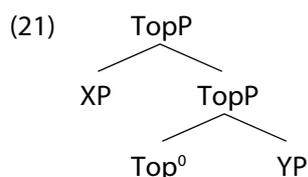
A ideia original seria a de que Force e Fin formariam um sistema fixo, com informações sobre finitude e tipo oracional, e as projeções Top e Foc formariam outro sistema, responsável por codificar sintaticamente questões discursivas como tópico e foco. Enquanto as posições do primeiro sistema estão sempre ativas, as do segundo são ativadas apenas quando traços de tópico ou foco estão presentes na estrutura.

8 Glosas minhas. As originais, em Rizzi (1997), estão em inglês.

9 A ideia de que o CP é o lócus da tipificação sentencial e de que sintagmas-wh se movem para CP em operação que se encarrega desse processo de tipificação foi apontada originalmente por Cheng (1991).

A sintaxe dessas posições passa a ser organizada com base em critérios; assim como um Critério-wh seria responsável por posicionar sintagmas-wh no especificador de um C⁰ com um traço-wh forte, constituintes com um traço de tópico obedeceriam a um Critério-Top e expressões focalizadas obedeceriam a um Critério-Foc.

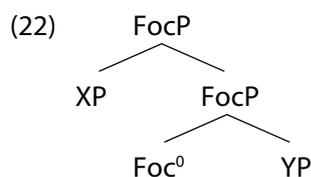
Para Rizzi (1997), uma projeção TopP conteria um tópico em seu especificador e o comentário como complemento do núcleo Top:



XP: Tópico

YP: Comentário

Da mesma forma, uma projeção FocP conteria um foco em seu especificador e a pressuposição como complemento de Foc⁰:



XP: Foco

YP: Pressuposição

Quanto ao deslocamento-wh, Rizzi (1997) propôs que palavras-wh interrogativas seriam movidas para a projeção focal em sentenças matrizes, enquanto palavras-wh relativas seriam movidas para o especificador de Force.

Em desenvolvimentos recentes da perspectiva cartográfica, Rizzi (2001) propôs que haveria ainda, em italiano, projeções distintas para hospedar complementadores interrogativos do tipo de *se/por que* (*se/perché*) em sentenças encaixadas (e mesmo *por que* em matrizes), entendendo que *se* difere de *che* e *di* no sentido de poder ser antecedido ou seguido por tópicos, enquanto *che* e *di* apenas podem ser seguidos por elementos topicalizados. Rizzi propõe, assim, a existência de uma projeção IntP, que teria *se* como núcleo em italiano e hospedaria, em seu Spec, elementos como *perché/por que*. A cartografia, nesse sentido, mostra-se como a seguir:



Em Rizzi e Bocci (2017), encontramos uma discussão acerca do posicionamento de advérbios movidos para a periferia da sentença. Os autores argumentam que há razões para crer que advérbios movidos não se deslocam para uma projeção de foco ou de tópico, quando não

são dotados de tais caracterizações discursivas. Além das razões semânticas óbvias¹⁰, tal proposição encontra amparo, por exemplo, no fato de que, em italiano, o fronteamento de um advérbio é bloqueado por minimalidade por outro advérbio interveniente, mas não ocorre intervenção quando há um advérbio e se focaliza outro. Vejamos:

- (24) *Rapidamente, Gianni ha probabilmente trovato ___ la soluzione.
'Rapidamente, João provavelmente encontrou a solução.'
- (25) RAPIDAMENTE Gianni ha probabilmente trovato ___ la soluzione, non lentamente.
'RAPIDAMENTE João encontrou a solução, não lentamente.'

Isso mostra que as posições de Foco e de fronteamento de um advérbio sem focalização precisam ser distintas, ou os efeitos de minimalidade se aplicariam em ambos os casos. Com base nesse tipo de observação, esses autores propõem, seguindo Rizzi (2004), que a periferia da sentença dispõe de uma projeção ModP, para modificadores, que deve ocupar a parte mais baixa do sistema CP. Temos, então, segundo essa nova arquitetura, a seguinte configuração:

- (26) [Force [Top* [Int [Top* [Foc [Top* [Mod [Top* [Fin [IP ...]]]]]]]]]]]

Também com base em Rizzi (2004), e considerando fatos sobre o posicionamento de palavras interrogativas em sentenças encaixadas já apontados em Rizzi (1997), Rizzi e Bocci (2017) propõem a existência de uma posição para palavras interrogativas em sentenças encaixadas, Q_{emb} (*emb* para *embedded*, 'encaixado'), o que Rizzi (2004) denomina WH. Em sentenças matrizes, a projeção Q_{emb} não estaria disponível, porque palavras-wh interrogativas nesse contexto se movem para Foco.

Assim, em sentenças encaixadas, a periferia teria a seguinte configuração:

- (27) [Force [Top* [Int [Top* [Foc [Top* [Mod [Top* [Q_{emb} [Fin [IP ...]]]]]]]]]]]

É com base na proposta cartográfica em seu formato atual que se constrói a proposta de análise de interrogativas indiretas encobertas no presente trabalho.

¹⁰ Sabe-se que tópicos precisam manter uma conexão semântica obrigatória com o conteúdo da posição de onde foram movidos, além de serem aqueles sobre o que se constrói o comentário; advérbios movidos não condensam essas características. Além disso, advérbios movidos não passam a ter semântica contrastiva em seu local de pouso, como acontece com as expressões focalizadas na periferia esquerda.

3 INTERROGATIVAS INDIRETAS ENCOBERTAS

Um tipo de oração interrogativa encaixada tem chamado a atenção de estudiosos (ALVARENGA, 1981a, 1981b; AMARAL; MEDEIROS JUNIOR, 2017; AMARAL; LUNGUINHO, 2017); são as chamadas interrogativas indiretas encobertas, sentenças como as que aparecem entre colchetes em (28):

- (28) a. Eu quero saber [a comida que você come].
b. Ele sabe [a pessoa que pegou o dinheiro da gaveta].

Não sem razão, esses estudiosos têm-se debruçado sobre essas construções sintáticas, considerando a maneira como se organizam:

1. são encaixadas e complementam um verbo que seleciona um CP necessariamente marcado com um traço-wh;
2. não apresentam a constituição esperada de uma interrogativa encaixada, como o fato de serem introduzidas por um pronome ou constituinte interrogativo, por exemplo.

Baker (1968) já apontava para a existência desse tipo de construção na língua inglesa, a saber, uma estrutura em que aquilo que segue o verbo, o qual seleciona uma interrogativa, é um sintagma nominal não oracional, e não uma oração completiva marcada com o traço [+wh]:

- (29) John refused to tell the police [the fellows who had been involved].
'John se recusou a contar ao policial (o nome) dos amigos que estavam envolvidos.'
- (30) Allen hasn't yet found out [the plane's arrival time].
'Allen ainda não descobriu (o horário) da chegada do voo.'

(BAKER, 1968, p. 92)

Colocam-se em análise aqui construções como as que aparecem em (28), que parecem constituir um nominal complexo (um nome seguido de uma frase relativa), em vez de uma interrogativa-wh. O que Baker (1968) chama de *concealed questions*, Alvarenga (1981a) denomina interrogativa indireta encoberta.

Alvarenga (1981b) sinaliza, já em sua introdução, seu entendimento de que interrogativas indiretas podem ser introduzidas por um constituinte interrogativo "claro ou subentendido" (ALVARENGA, 1981b, p. 120), e passa a analisar as construções como (31) e (32) dessa maneira: uma interrogativa como qualquer outra contendo um constituinte interrogativo subentendido:

- (31) a. Carlos sabe a sala em que você trabalha.
b. Carlos sabe (qual) a sala em que você trabalha.
- (32) a. Eu quero saber a comida que você come.
b. Eu quero saber (qual) a comida que você come.

Quero aqui colocar em discussão a ideia defendida em termos gerais sobre a estrutura do complemento do verbo da matriz nesses casos. Em geral o que se propõe é que temos, como complemento do verbo matriz, um SN modificado por uma oração relativa (cf. BAKER, 1968; GRIMSHAW, 1979; NATHAN, 1999; MATOS; BRITO, 2013). Vou defender, utilizando a proposta cartográfica, que o que aparece na posição encaixada nesses casos é uma oração interrogativa como qualquer outra, com um sintagma nominal contendo um operador interrogativo nulo em Spec,Q_{emb} (RIZZI; BOCCI, 2017), apesar de alguns problemas empíricos que essa ideia pode vir a conter.

3.1 O PROBLEMA

Como já ficou claro na seção de introdução (e em subseções anteriores), as construções sintáticas que buscamos avaliar aqui são as orações encaixadas conhecidas como interrogativas indiretas encobertas, sentenças definidas como frases interrogativas, selecionadas por verbos que marcam seus CPs complemento com um traço [+wh], mas que não apresentam comportamento semântico nem estrutura sintática aparente de interrogativas. As interrogativas indiretas encobertas aparecem entre colchetes em (33) a seguir (dados repetidos de (28)):

- (33) a. Eu quero saber [a comida que você come].
 b. Ele sabe [a pessoa que pegou o dinheiro da gaveta].

Para Matos e Brito (2013), verbos do tipo de *saber* alternam entre a seleção de um complemento sentencial (um CP) e a seleção de um complemento constituído por um DP seguido de uma frase relativa. Essa dupla possibilidade seletional, segundo as autoras, seria intrínseca a esse tipo de verbo, que é considerado um semi-factivo, permitindo, portanto, uma leitura factiva e uma leitura semi-factiva. Em outras palavras, apenas verbos com conteúdo cognitivo apresentam esse tipo de alternância. *Saber*, nessas circunstâncias, pode selecionar tanto uma interrogativa indireta clara (34a), como aquilo que as autoras dizem ser uma construção contendo um DP seguido de uma relativa (34b):

- (34) a. Ela sabe [qual a comida de que você gosta].
 b. Ela sabe [a comida de que você gosta].¹¹

Observe-se, entretanto, que, do ponto de vista sintático, só fica claro que ocorre uma interrogativa indireta em (34a). Como explicar a semântica de interrogação/solicitação de informação contida em (34b), sem uma sintaxe, digamos, “apropriada”? Matos e Brito (2013) resolvem esse problema propondo uma semelhança entre o DP e o CP; segundo as autoras, a sentença subordinada em (34a) (o que chamam de interrogativa indireta imprópria) e o conjunto DP + frase relativa que afirmam estar presente em (34b) contêm alguns elementos em comum, como, por exemplo, o fato de que ambas as construções exibem força ilocucionária declarativa, ou o fato de o sintagma-wh *D-linked* nas interrogativas ditas impróprias e o nominal alçado do interior da relativa (cf. KAYNE, 1994) representarem conteúdo semelhante, ou ainda o fato de que o *status D-linked* do CP-wh e o estatuto

11 É importante salientar que as autoras consideram que, em ambos os casos (tanto em (34a) quanto em (34b)), a semântica daquilo que complementa o verbo saber é a de uma requisição por informação, o que caracteriza ambos como perguntas indiretas.

definido de D em DPs relativizados contribuem para uma atribuição a esses dois sintagmas (CP e DP) um *status* altamente referencial e específico (MATOS; BRITO, 2013, p. 112).

Outra questão envolvendo interrogativas indiretas encobertas diz respeito ao fato de que, nos mesmos contextos em que essas sentenças podem acontecer, outro tipo de construção sintática é viável, como uma sentença que contém uma proposição. Vejamos:

- (35) a. Ele sabe [a comida que ela gosta de comer].
b. Ele sabe [que ela adora comer camarão].

Fatos como esse levaram autores como Nathan (1999) a propor que *concealed questions* (interrogativas indiretas encobertas) não condensam conteúdo interrogativo. Entretanto, fica claro que, como já expuseram Alvarenga, Macambira, Amaral e Lunguinho, entre outros autores já mencionados neste trabalho, há, nesses casos (pelo menos no que tange aos dados do PB), uma clara solicitação por informação, o que acaba indo de encontro à intuição de Nathan (1999).

O que passo a argumentar em seguida é que talvez a análise apropriada para esse tipo de construção sintática precise seguir em outra direção. Defenderei aqui a ideia de que o que temos nas chamadas interrogativas indiretas encobertas é a construção de interrogativas comuns cuja estrutura contém um operador interrogativo nulo encabeçando o sintagma nominal alçado a $Spec, Q_{emb}$. Passemos à análise.

3.2 INTERROGATIVAS INDIRETAS ENCOBERTAS E A NATUREZA DE *QUE*

Muitos dos estudos anteriores sobre a questão já atestam a correlação entre as interrogativas encobertas (36) e as paráfrases desse tipo de sentença como (37) (cf. BAKER, 1968; GRIMSHAW, 1979; ALVARENGA, 1981a):¹²

- (36) a. O João sabe o carro que o Paulo comprou.
b. A Maria sabe a comida que o João gosta.
- (37) a. O João sabe qual carro que o Paulo comprou/que carro que o Paulo comprou/
qual o carro que o Paulo comprou.
b. A Maria sabe qual comida que o João gosta/que comida que o João gosta/
qual a comida que o João gosta.¹³

¹² É importante ressaltar o foco nos dados em (36); cabe esclarecer que (37) está aqui como paráfrase, apenas para evidenciar a semântica da construção que complementa o verbo *saber* em (36), procedimento já adotado nos trabalhos listados e que não constitui parte da crucial da argumentação.

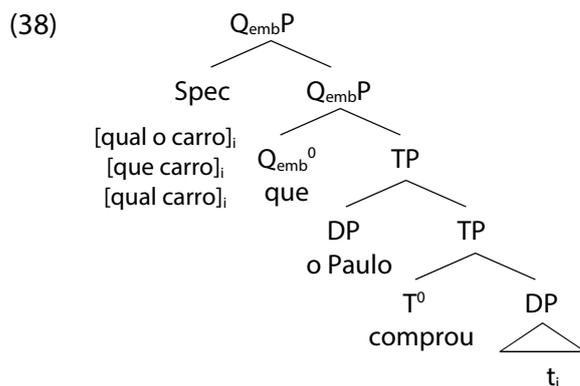
¹³ Importante observar que os dados em (37) trazem algumas questões interessantes. Vejamos:

- (i) a. A Maria sabe qual comida que o João gosta.
b. A Maria sabe que comida que o João gosta.
c. A Maria sabe qual a comida que o João gosta.

Pois bem: partamos dos dados em (37). Considerando-se a constituição das sentenças encaixadas em (37a-b), seria possível propor a seguinte derivação dessas construções, tomando por base a proposta cartográfica: o sintagma-wh *qual carro/que carro/qual o carro* é gerado como complemento de *comprou*; esse sintagma contém naturalmente um traço-wh. Quando a camada CP é ativada na oração encaixada, ocorre a projeção de Q_{emb} , considerando-se que o CP encaixado é marcado com um traço-wh, em virtude da seleção do predicado na matriz. Observe-se que a numeração da sentença encaixada contém o item lexical *que*, o qual, na presente hipótese, representa a lexicalização do Q_{emb}^0 ; quando *que* é concatenado na estrutura, o sintagma-wh com um traço [Q_{emb}] é alçado para o Spec de *que*, em satisfação a um Critério- Q_{emb} :

- (i) **Critério Q_{emb}**
 Um operador wh- Q_{emb} precisa estar em uma relação spec-head com um $X^0 [+Q_{emb}]$; um $X^0 [+Q_{emb}]$ precisa estar em configuração spec-head com um operador Q_{emb} .

Assim sendo, a sentença encaixada em (37a), por exemplo, seria derivada como mostra o diagrama a seguir:



Conforme apontado a mim por um dos pareceristas anônimos, é mais fácil considerar que *qual comida* e *que comida* formam um constituinte sintático que pensar que *qual a comida* forme um constituinte, o que torna dados como (ic) um problema para a presente análise. A ideia é que dados como (ic) talvez indiquem que a sentença deriva de uma clivada com o apagamento da cópula, como se vê em (ii):

- (ii) a. A Maria sabe qual é a comida que o João gosta.
 b. A Maria sabe qual a comida que o João gosta.

Todavia, (ia) e (ib) poderiam ser interpretadas da mesma forma, como derivando de clivadas invertidas, como se vê em (iii):

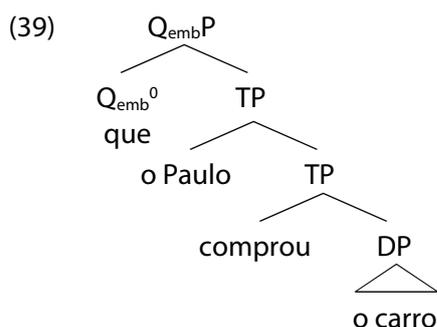
- (iii) a. A Maria sabe que comida é que o João gosta.
 b. A Maria sabe qual comida é que o João gosta.

Como veremos a seguir, a proposta em termos de clivagem pode ser uma alternativa à que faço aqui. Minha intenção aqui é mostrar, como tentarei argumentar a seguir, que (36) e (37) são de algum modo aparentadas, considerando que tanto uma quanto outra contém frases interrogativas na posição subordinada. Uma proposta com clivagem pode servir para explicar (37), mas falha em explicar (36) e o “parentesco” que há entre essas duas construções. Além disso, não vou me demorar na análise desse tipo de dado porque ele não constitui o foco do presente artigo. De todo modo, é possível sugerir que (ia-b) podem representar uma intuição do tipo de operador nulo que esteja presente nas interrogativas indiretas encobertas aqui analisadas.

Esse tipo de análise é compatível com o que se apresenta para interrogativas raízes do português do Brasil como *O que que o João comeu?* ou *Quem que a Maria convidou?* em Mioto (2001) e Amaral e Medeiros Junior (2017), para quem o *que* que segue os sintagmas-wh representa a realização fonológica de Foc^0 , já que se considera que, em matrizes, sintagmas interrogativos estejam focalizados (cf. RIZZI, 1997).¹⁴

Agora observemos os dados em (36). Se é verdade que o CP encaixado em (37) é marcado por um traço-wh forte, porque o predicado da matriz seleciona uma interrogativa, e se é verdade que o *que* temos em (36) é um tipo de sentença interrogativa (interrogativa indireta encoberta), uma análise semelhante à que se deu a (37) pode ser dada a (36).

Suponhamos, inicialmente, que o *que* o predicado na matriz seleciona em (36) seja também um CP[+wh], e não um DP seguido de uma sentença relativa, dado que (37) pode ser tomada como uma paráfrase de (36). Se isso é verdade, podemos interpretar *que* não como uma palavra relativizadora, mas como a realização fonológica de Q_{emb}^0 , assim como fizemos em (37). Teríamos, portanto, a seguinte configuração para a derivação da sentença encaixada até o momento da concatenação de *que*:



14 Um problema para esta análise seria ter de lidar com o problema que se verifica no contraste em (i):

- (i) a. O João quer saber qual o carro que o Paulo comprou.
- b. *O João quer saber qual o carro o Paulo comprou.

Esse contraste, já debatido em Guessser (2015), conduz à ideia de que talvez (ia) não contenha uma interrogativa simples, mas que seja derivada de uma clivada, como em (ii) a seguir, já que o apagamento de *que* causa a agramaticalidade que se vê em (ib):

- (ii) O João quer saber qual foi o carro que o Paulo comprou.

Entretanto, é importante observar que a sentença em (ia), com o interrogativo, e a sentença em (iii) a seguir, sem o interrogativo, têm exatamente a mesma semântica, o que pode representar uma intuição de que talvez a análise de Guessser careça de mais argumentação:

- (iii) O João quer saber o carro que o Paulo comprou.

É possível que a restrição que bloqueia (ib) seja a mesma que inviabiliza (iv), quando se vê que a omissão do determinante resulta em uma construção agramatical:

- (iv) *O João quer saber qual foi carro que o Paulo comprou.

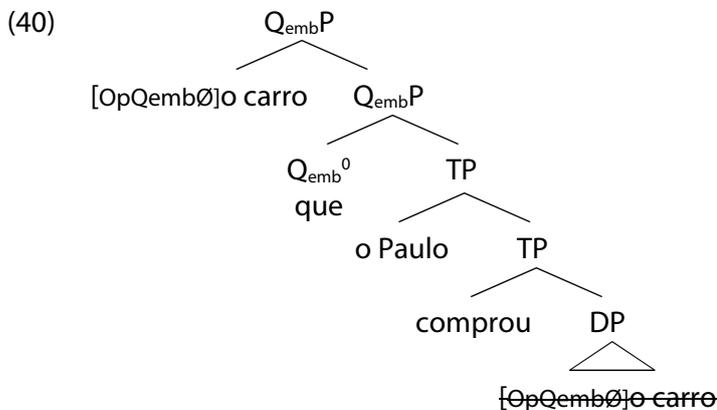
Esse mesmo tipo de restrição não se verifica com uma sentença subordinada iniciada por *se* em um contexto semelhante, que é notoriamente uma clivada:

- (v) O João quer saber se foi carro que o Paulo comprou.

Possivelmente a análise de Guessser contenha boas respostas para os dados em questão, embora ela não consiga dar conta dos dados com interrogativas indiretas encobertas. Essa discussão fica em aberto para investigações futuras.

Restaria ainda explicar como seria satisfeito o critério Q_{emb} nesses casos, sendo que não vemos realizado o operador- Q_{emb} .

Se nos lembrarmos da intuição de Alvarenga (1981a), apresentada nas seções iniciais deste trabalho, sobre a constituição, no português do Brasil, de interrogativas em que o operador interrogativo pode ou não estar realizado fonologicamente, talvez tenhamos uma pista do que está acontecendo aqui. A ideia é que o DP selecionado pelo predicado mais baixo em (36) é semelhante ao que é selecionado pelo predicado mais baixo em (37); a diferença seria que o DP em (36) conteria um operador nulo, que seria o responsável pelo deslocamento desse DP para $Spec, Q_{emb}$, exatamente como se entende que ocorre em (37). Teríamos, portanto, a seguinte estrutura:



Se esta análise estiver correta, espera-se que em toda construção desse tipo seja possível a inserção de um *wh* interrogativo no DP que inicia a sentença subordinada, questão já apontada em Alvarenga (1981a) e já discutida no presente trabalho, fato que parece se confirmar. Além disso, a suposição de que o nominal *que* inicia a subordinada é encabeçado por um operador interrogativo pode conduzir à ideia de que não deve haver ambiguidade quanto à força ilocucionária da sentença encaixada; outro fato que também se confirma: não parece haver dúvidas quanto à natureza interrogativa de tais sentenças.

Uma proposta como a que se delineou aqui tem a vantagem de prover uma análise unificada para a construção de interrogativas encaixadas do português, sejam elas interrogativas indiretas canônicas ou interrogativas do tipo que se convencionou chamar interrogativa encoberta.

É, entretanto, importante observar que a análise aqui posta pode enfrentar alguns problemas. Um deles é o fato de haver grande dependência entre a oração que se inicia em *que* e a presença de um determinante antecedendo o elemento alçado ao *Spec* de *que*, como se vê nos dados a seguir:

- (41) a. *Eu quero saber pesquisa que você faz.
b. Eu quero saber a pesquisa que você faz.

(Adaptado de Amaral e Lunguinho (2017))

Sabemos por estudos como os de Smith (1964) e Kayne (1994) que a existência de relativas (ou pelo menos o tipo de relativa que aparecerá no enunciado) está determinantemente ligada à existência de artigo antecedendo o nome relativizado. O que vemos em (41) é exatamente isso: a presença do determinante licencia a sentença iniciada em *que*.

Outro questionamento do ponto de vista sintático é o de que parece haver problemas para a extração em contextos encaixados como o de (42), o que também pode sugerir a existência de relativas encaixadas, as chamadas ilhas sintáticas:

(42) Eu quero saber o presente que você deu ao João.

(43) *A quem eu quero saber o presente que você deu.

Além disso, há o fato claro de que, em (41), de um modo ou de outro, a oração que se inicia em *que* reduz as possibilidades de interpretação do nome *pesquisa* a apenas aquela que é feita pelo destinatário da mensagem, identificado no contexto pelo pronome *você*. Esse tipo de evento semântico é exatamente o que ocorre na presença de uma relativa restritiva.

Essa questão permanece em aberto neste artigo, para investigações futuras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou atualizar análises sobre as chamadas interrogativas indiretas encobertas do português brasileiro. O que se propôs é que o que aparentemente se mostra como uma construção composta de um DP seguido de uma frase relativa é, na verdade, uma construção interrogativa comum, sendo esse DP um sintagma-wh com operador nulo. Busquei aplicar a análise baseada nos estudos cartográficos de Rizzi e Bocci (2017), segundo os quais sintagmas interrogativos em sentenças encaixadas ocupam a projeção Q_{emb} . Além disso, procurei com este estudo unificar a análise de orações interrogativas encaixadas no português do Brasil. A semelhança das construções com nominais seguidos de relativa foi o ponto deixado em aberto para futuras investigações.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, D. *Sobre Interrogativa Indireta no Português*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981a.

ALVARENGA, D. Interrogativa indireta encoberta em português. *Cadernos de Linguística e Teoria Literária*, [s.l.], n. 5, p. 119-147, jun. 1981b.

AMARAL, L de C.; LUNGUINHO, M. V. S. *Eu quero saber a estrutura dessa sentença: um estudo das propriedades sintáticas e semânticas de interrogativas indiretas não-canônicas do português do Brasil*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

AMARAL, L de C.; MEDEIROS JUNIOR, P. *Um estudo das propriedades sintáticas e semânticas das construções interrogativas do português do Brasil*. Relatório final de PIBIC apresentado ao PROIC -UnB, 2017.

BARKER, C. L. *Indirect questions in English*. Tese (Doutorado) – University of Illinois, Urbana, 1968.

BIANCHI, V.; CRUSCHINA, S. The derivation and interpretation of polar questions with a fronted focus. *Lingua*, v. 170, p. 47-68, 2016.

CHENG, L. *On the typology of wh questions*. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1991.

CHOMSKY, N. On Wh Movement. In: CULICOVER, P. W.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (ed.). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977. p. 71-132.

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

GRIMSHAW, J. Complement selection and the lexicon. *Linguistic Inquiry*, v. 10, p. 279-326, 1979.

GUESSER, S. Sentenças Foco+que do PB na interface sintaxe-pragmática. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, p. 78-106, 2015.

KAYNE, R. S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.

LOPES-ROSSI, M. A. *A sintaxe diacrônica das interrogativas-q do português*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MACAMBIRA, J. R. *Português Estrutural*. São Paulo: Pioneira, 1998.

MATOS, G.; BRITO, A. M. The alternation between improper direct questions and DPs containing a restrictive relative. In: CAMACHO-TABOADA, V.; JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, Á. L.; MATÍN-GONZALES, J.; REYES-TEJEDOR, M. (ed.). *Information structure and agreement*. Amsterdam: John Benjamins, 2013.

MIOTO, C. Sobre o sistema CP no português Brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 97-139, jul./dez. 2001.

MIOTO, C. Focalização e quantificação. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, p. 169-189, 2003.

NATHAN, L. E. *On the interpretation of concealed questions*. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1999.

POLLOCK, J-Y. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, p. 365-424, 1989.

RIZZI, L.; BOCCI, G. The left periphery of the clause – primarily illustrated for Italian. *In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. C (ed.). Blackwell Companion to Syntax, II edition*. Wiley-Blackwell, New Jersey, 2017.

RIZZI, L. Locality and Left Periphery. *In: BELLETTI, A. (ed.). Structures and Beyond*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 223-251.

RIZZI, L. On the position of “int(errogative)” in the left periphery of the clause. *In: CINQUE, G.; SALVI, G. (ed.). Current studies in Italian syntax: Essays offered to Lorenzo Renzi*. Oxford: Elsevier North-Holland, 2001. p. 267-296.

RIZZI, L. The Fine Structure of the left periphery. *In: HAEGEMAN, L. (ed.). Elements of grammar: a handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

SMITH, C. S. Determiners and relative clauses in a Generative Grammar. *Language*. v. 40, n. 1, p. 37-52, jan./mar. 1964.

WATANABE, A. Wh *in situ*, Subjacency and Chain Formation. *MIT Occasional papers in Linguistics* 2, 1991.

Artigo recebido em 7 de maio de 2020.

Artigo aceito em 12 de junho de 2020.